

# Orquestra Sinfónica

## do Porto Casa da Música

Joana Carneiro direcção musical  
Hyeyoon Park violino

14 Set 2019 · 18:00 Sala Suggia

MÚSICA NO FEMININO



casa da música

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA  
DO PORTO CASA DA MÚSICA

**SONAE**



Maestrina Joana Carneiro sobre  
o programa do concerto.

<https://vimeo.com/359095414>

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

**Clotilde Rosa**

*Ricercari* (1984; c.12min)

**Sofia Gubaidulina**

*Offertorium*, concerto para violino e orquestra (1980; c.35min)

2ª PARTE

**Kaija Saariaho**

*Ciel d'hiver* (2013; c.12min)\*

**Unsuk Chin**

*Rocaná* (2008; c.21min)

\*Estreia em Portugal.

# Clotilde Rosa

QUELUZ, 11 DE MAIO DE 1930

LISBOA, 25 DE NOVEMBRO DE 2017

## *Ricercari*

*Ricercari* é uma obra encomendada pela Secretaria de Estado da Cultura para a Orquestra Sinfónica da RDP. Foi apresentada pela primeira vez em Agosto de 1986, nas Ruínas do Carmo, pela Orquestra Sinfónica da RDP sob a direcção de Silva Pereira. A formação instrumental da orquestra sinfónica aproxima-se de uma das suas distribuições mais comuns: primeiros e segundos violinos, violas, violoncelos, contrabaixos, flautas/flautim, oboés/corne inglês, clarinetes/clarinete baixo, fagotes, trompas, trompetes, trombones, tuba, harpa, piano, timbales, bombo, tontons, vibrafone, xilofone e celesta.

O título *Ricercari* refere-se à presença de alguns motivos que se procuram entre si, lembrando a forma instrumental de estilo imitativo, *ricercari*, dos séculos XVI-XVII.

A obra aponta para a liberdade pós-serial e o desenvolvimento contrapontístico procurado pela compositora. O labor criativo dá conta da afinçada demanda de uma linguagem pessoal, em diálogo com influências múltiplas. Nas suas palavras, a obra apresenta-se “com uma herança de raiz serial muito livre, no emprego de três acordes de quatro sons quase como um fio condutor que habita frequentemente as minhas obras [...], criando pequenas células que fazem aparecer fragmentos temáticos, módulos rítmicos” (Sérgio Azevedo, *A invenção dos sons*, Lisboa, Caminho, 1998, 104).

Trabalho contrapontístico muito desenvolvido, discursividade melódica de cariz romântico e grande densidade dramática são

algumas características salientes desta obra. Ao longo da mesma, utiliza livremente os doze sons da escala cromática, parcialmente organizados em acordes, e joga frequentemente com células melódicas e rítmicas, fazendo delas fragmentos temáticos.

O gosto pessoal por técnicas específicas e inusuais dos instrumentos, o recurso frequente a uma colecção-chave de doze notas (usada como um reservatório de materiais) – trabalhada tanto horizontal como verticalmente (como conjunto de três agregados sonoros) – contribui para um estilo muito personalizado.

Na perspectiva de Manuel Pedro Ferreira, esta obra afirma-se como “um discurso dramático coerente, proporcionado e expressivamente estruturado, inovador no contexto nacional, pela conjugação de um pancromatismo livre sustentado por uma dinâmica de polaridades equívocas (que permitem tirar partido, sem recurso à citação, de associações tonais firmemente controladas) e de uma escrita que, a par de uma fluidez contrapontística de grande complexidade rítmica, recorre generosamente ao estatismo atmosférico criado por zonas de permutações, glissandi e oscilações” (Manuel Pedro Ferreira, *Dez compositores portugueses*, Lisboa, Dom Quixote, 2007, 363).

CRISTINA DELGADO TEIXEIRA, 2010

# Sofia Gubaidulina

CHISTOPOL, 24 DE OUTUBRO DE 1931

## **Offertorium, concerto para violino e orquestra**

*Offertorium*, para violino solista e orquestra, foi a composição que tornou Gubaidulina um dos nomes incontornáveis da música contemporânea. A primeira versão da partitura data de 1980. Naquela altura a peça foi recebida no contexto do pós-modernismo, a etiqueta com a qual poderíamos designar as tentativas de explicação em termos filosóficos e estéticos do fim do século XX. É bem possível que desse contexto favorável também fizesse parte a *Perestroika*, o processo de reforma do sistema económico e político da antiga União Soviética arquitectado na década de 80 do século passado. Entre os seus efeitos no âmbito da música, pode destacar-se a difusão de músicos que, até então, tinham permanecido desconhecidos para o público do lado ocidental da Cortina de Ferro. Por exemplo, Gidon Kremer, o dedicatário de *Offertorium*, tinha sido distinguido com vários prémios de interpretação na Europa Ocidental, mas só começou a tocar regularmente fora da URSS a partir de 1981, quando já tinha 41 anos.

O pós-modernismo tem sido associado a um elemento que é protagonista desta obra de Gubaidulina: a citação usada para enfatizar contrastes e descontinuidades entre diferentes estilos que são tratados de forma equivalente, independentemente da sua origem. No caso de *Offertorium*, o passado refere-se à música de Johann Sebastian Bach e à de Anton Webern. Começa, de facto, com uma citação do tema principal da *Oferenda musical* BWV 1079, conhecido como “tema régio” porque Frederico, o Grande, desafiou com ele

o talento improvisatório de Bach. Uma das peças da *Oferenda musical* foi instrumentada em 1935 por Webern.

A aspiração a um estilo livre e quase improvisatório na parte solista e o imaginativo virtuosismo da orquestração são, com efeito, duas das características evidentes de *Offertorium*. Gubaidulina concebeu esta composição como uma série de variações nas quais o tema régio vai sendo progressivamente encurtado mediante a omissão sucessiva da primeira e da última nota. Assim, conforme explica a própria compositora, à medida que se vai suprimindo a nota que ocupa o último lugar, “é posto o ênfase no que vai ficando como intervalo final (segunda menor, segunda maior, quinta, terceira, etc.). Esses intervalos acentuados influenciam o desenvolvimento de cada episódio subsequente. Portanto, a forma da obra depende inteiramente das propriedades do tema, que vai sendo gradualmente reduzido até que quase desaparece: a variação central consta apenas de uma nota.” É de salientar o facto de a obra estar em grande medida construída mediante a manipulação do tema principal, que é fragmentado, invertido, transformado tímbricamente... A mencionada variação central marca igualmente uma “conversão” – a expressão é de Gubaidulina – na música que, a partir desse momento, inicia um caminho, por assim dizer, simétrico até à reconstituição do tema inicial. Para além da aplicação de uma estratégia compositiva que pré-determina a composição, o seu discurso musical remete para um simbolismo de carácter espiritual relacionado com o mistério da morte e da ressurreição.

### *Ciel d'hiver*

Em 1970, Monika Lichtenfel cunhou a expressão *Klangflächekomposition*. Traduzível por “composição com superfícies sonoras”, “planos sonoros”, ou, eventualmente, numa tradução derivada, “espaços sonoros”, Lichtenfeld relacionou o termo com a evocação sonora de paisagens grandiosas, impressionantes. Este tipo de imagens relaciona-se com o que se costuma chamar experiência do sublime, isto é, aquela que se experimenta ante determinados fenómenos da natureza, os quais, como Kant escreveu, “tornam a nossa capacidade de resistência de uma pequenez insignificante em comparação com o seu poder”. O filósofo deu alguns exemplos: “Falésias ousadas, pendentes, como que ameaçadoras, nuvens tempestuosas amontoando-se no céu, trazendo consigo relâmpagos e trovões, vulcões em toda a sua violência destruidora, tornados e a devastação que deixam por onde passam, o mar revolto, uma alta queda d’água de um rio poderoso etc.”

Ainda, do ponto de vista da composição musical, Lichtenfeld usou o termo para referir a aparição, sobretudo a partir de Wagner, de trechos musicais onde se contrariam as expectativas geradas pelo princípio do *desenvolvimento* baseado na elaboração temática e motívica e em processos modulatórios. Ao contrário, a “superfície sonora” nega o movimento. A dimensão colorística e, com ela, a dimensão harmónica passam a ser a sua característica dominante. Nessas “superfícies sonoras”, a harmonia, por assim dizer, “enche o espaço”, e a cor “descreve-o”. Já no século XX, compositores como György Ligeti

deram continuidade a esta forma de encarar a composição em obras como *Atmosphères* (1961), cuja relação com *Ciel d'hiver* tem sido apontada.

Estes elementos (a experiência do sublime e uma composição em que se destacam os “planos sonoros”) configuram-se em *Ciel d'hiver*. A composição tem origem numa obra anterior, o tríptico orquestral *Orion*, de 2002, que alude a uma figura da mitologia grega que dá igualmente nome a uma das constelações que melhor se observam desde a Terra. *Ciel d'hiver* é uma reorquestração realizada em 2013 do andamento central de *Orion*. O mistério da noite, impregnado de certo arcaísmo, é evocado mediante uma estática superfície sonora na qual brilham sucessivos instrumentos solistas: o piccolo inicia uma melodia que flui depois através do violino, do clarinete, do oboé e do trompete com surdina. Destaca-se um motivo de três notas descendentes que, para além de caracterizar esta linha melódica exposta pelos solistas, é depois trabalhada em contraponto na textura orquestral e constitui, na segunda parte da peça, a base dos sucessivos agregados verticais de variadas e deslumbrantes cores tímbricas. Na escuta, a peça consegue evocar uma sensação de expansão e de ascensão que facilmente se associa com a imagem que temos do universo. Note-se que não é a única das partituras de Saariaho que foram inspiradas pela visão dos céus.

TERESA CASCUDO, 2019

## Unsus Chin

SEUL, 14 DE JULHO DE 1961

### *Rocaná*

*“Na minha música, procuro reproduzir as incríveis visões de luzes ofuscantes e iridescentes que povoam os meus sonhos, através de um jogo de claro-escuro e de cores que flutuam na peça, formando uma escultura sonora fluída.”*

Estas são palavras de Unsuk Chin, que em 2014 foi Compositora em Residência na Casa da Música (no âmbito do Ano do Oriente). O fragmento dá bem conta de aspectos centrais na sua abordagem compositiva: o lado onírico e a metáfora da luz.

Este último aspecto é particularmente evidente em *Rocaná*. O próprio título – em sânscrito – traduz-se por “espaço de luz”. Trata-se, em particular, de tentar traduzir em música certas propriedades e fenómenos físicos associados aos raios luminosos, como desvios e decomposições, reflexões e movimentos de onda. Esses fenómenos físicos inspiram a escolha das sonoridades e das técnicas de composição.

Todos estes elementos – o onirismo, a metáfora da luz, a inspiração em modelos científicos –, partilha-os Unsuk Chin com o seu mestre, György Ligeti, com quem estudou em Hamburgo, entre 1985 e 1988. E outros ainda: o gosto por jogos; a atracção pelo absurdo; o diálogo irónico com referências musicais antigas; o fascínio por modelos matemáticos (a estrutura de *Rocaná* é inspirada pelas matemáticas fractais, um dos ramos da teoria do caos). No entanto, a sua música é muito diferente da de Ligeti: é mais na atitude estética do que no conteúdo do discurso musical que se situam as convergências.

A música de Chin é também influenciada por certas músicas extra-europeias, em especial o gamelão de Bali (ouça-se, em especial, o Concerto para violino, de 2001). Curiosamente, a música do seu país – a Coreia do Sul – não transparece muito na sua obra, o que talvez não cause demasiada surpresa, se tivermos em conta que essa tradição está hoje mais ou menos perdida, interrompida que foi pela ocupação japonesa em 1910.

Voltemos, então, à obra desta noite. Vejamos o que nos diz a compositora, numa nota de programa:

*“A música em Rocaná está em fluxo contínuo. (...) [Nesse fluxo se forma] uma escultura sonora, que podemos observar sob os ângulos mais diversos, pois as estruturas internas estão em perpétua mutação. Ainda que a música dê por vezes uma sensação de imobilidade, impulsos subtis, interações e reacções continuam presentes. Certos elementos regressam recorrentemente, embora sempre de forma variada. (...) Estruturas ordenadas entram abruptamente em fases de turbulência, e vice-versa.”*

Esta nota dá bem conta do carácter volátil do discurso musical: rapidamente passamos de um ambiente sonoro para outro muito diferente, e sempre de modo bastante imprevisível. Por exemplo, a obra começa logo com um carácter nervoso e inconstante, opondo violentos ataques e fragmentos marciais nos metais (coloridos pela percussão) a paisagens estáticas com zumbidos nas cordas. Segue-se uma passagem mais calma e onírica, bruscamente interrompida por música verdadeiramente selvagem, com os metais e a percussão a protagonizarem um primeiro – de vários – pandemónios. E com semelhantes oposições

bruscas continua a música, só uma ou outra vez se mantendo o carácter constante por períodos mais prolongados.

Não resulta daí, porém, um discurso excessivamente fragmentado. A música “está em fluxo contínuo”, como diz Chin: os sons dissipam-se e transformam-se uns nos outros. Uma das formas mais frequentes de produzir este efeito é, na verdade, muito simples: um som desaparece gradualmente (até ao nada), enquanto outro emerge gradualmente (do nada).

O fascínio da peça reside também na imensa variedade de cores e sonoridades. Desde logo, estas resultam da utilização de múltiplas técnicas de execução instrumental, especialmente nas cordas, onde se produz uma diversidade verdadeiramente caleidoscópica de sons (com especial ênfase em diferentes tipos de harmónicos, que são sons muito agudos e pálidos, quase imateriais, produzidos a florando levemente a corda); resultam também de combinações originais de instrumentos, como os já referidos fragmentos marciais, combinando metais e percussão ressonante; e, ainda, da utilização de notas fora da escala habitual, sobretudo nas cordas, em que ouvimos por vezes notas ligeiramente “desafinadas”. Tudo isso, enfim, gera um mundo mágico de timbres requintados, em permanente mutação.

A obra foi estreada a 3 de Março de 2008 com a Orquestra Sinfónica de Montréal, sob a direcção de Kent Nagano. [A sua estreia em Portugal ocorreu na Casa da Música, em 2014, pela Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, sob a direcção de Alexander Shelley.]

DANIEL MOREIRA, 2014



## Joana Carneiro direcção musical

Joana Carneiro é Maestrina Principal da Orquestra Sinfónica Portuguesa (Teatro de São Carlos, Lisboa) e Directora Artística do Estágio Gulbenkian para Orquestra, desde 2013. Entre 2009 e 2018 foi Directora Musical da Orquestra Sinfónica de Berkeley, sucedendo a Kent Nagano como a terceira directora artística da orquestra em 40 anos de história. Foi Maestrina Convidada da Orquestra Gulbenkian entre 2006 e 2018.

Na presente temporada, tem concertos com a Sinfónica da BBC, a Filarmónica Real de Estocolmo (que dirigiu na cerimónia do Prémio Nobel em 2017), a Sinfónica da Rádio Sueca, a Sinfónica de Gotemburgo, a Orquestra Nacional do Centro de Artes de Ottawa e a Filarmónica da BBC. Na última temporada dirigiu *It's a Wonderful Town* de Bernstein, com a Ópera Real Dinamarquesa, e uma nova produção de *Carmen* na Ópera Real de Estocolmo.

Continua a ser muito requisitada para dirigir programas contemporâneos, tendo-se estreado na English National Opera com a primeira audição mundial de *The Gospel according to the Other Mary* de John Adams. Em 2016 dirigiu uma produção de *La Passion de Simone* de Kaija Saariaho no Festival Ojai e *Book of Disquiet* de Van der Aa com a London Sinfonietta. Trabalha regularmente com o cantor e compositor Rufus Wainwright.

Em 2010, Joana Carneiro dirigiu uma versão do encenador Peter Sellars de *Oedipus Rex* e a *Sinfonia de Salmos* de Stravinski, no Festival de Sidney, premiada com um Helpmann Award pelo Melhor Concerto Orquestral. Orientou um projecto no Festival da Nova Zelândia, em 2011, tendo sido convidada para dirigir as sinfónicas de Sidney e da Nova Zelândia.

Natural de Lisboa, Joana Carneiro começou a estudar violino e posteriormente licenciou-se em Direcção de Orquestra na Academia Nacional Superior de Orquestra, na classe de Jean-Marc Burfin. Concluiu o Mestrado em Direcção de Orquestra na Northwestern University, com Victor Yampolsky e Mallory Thompson. Prosseguiu estudos de doutoramento na Universidade de Michigan, onde estudou com Kenneth Kiesler. Participou em masterclasses orientadas por Gustav Meier, Michael Tilson Thomas, Larry Rachleff, Jean Sebastian Bereau, Roberto Benzi e Pascal Rophe.

Joana Carneiro recebeu o Prémio Helen M. Thompson 2010, da League of American Symphony Orchestras, destinado a reconhecer directores musicais com potencial extraordinário. Em 2004 foi agraciada com a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique, pelo Presidente da República Jorge Sampaio.

## Hyeyoon Park violino

Hyeyoon Park possui um estilo e um virtuosismo marcantes que combinam integridade e elegância com foco e brio. Desde a sua estreia como solista aos 9 anos, com a Filarmónica de Seul, alcançou a aclamação internacional e tem sido convidada das orquestras mais prestigiadas do mundo. Em 2016 estreou-se com a Filarmónica de Londres interpretando o Concerto para violino de Korngold, sob a direcção de Osmo Vänskä. Com apenas 17 anos, foi a mais jovem vencedora do 1º Prémio no Concurso Internacional de Música ARD, em Munique. Em 2011 foi bolsista da Borletti-Buitoni Trust, e no ano seguinte recebeu o London Music Masters Award, o que lhe permitiu apresentar-se nas salas mais importantes do Reino Unido e também em escolas londrinas de zonas menos privilegiadas.

Entre os momentos altos desta temporada incluem-se concertos com a Filarmónica de Estugarda sob a direcção de Dan Ettinger (Concerto para violino de John Corigliano), com a Württembergische Philharmonie Reutlingen, o regresso à Mecklenburgische Staatskapelle de Schwerin, um concerto com a Metropolitana de Tóquio e Kazushi Ono e a estreia com a Orquestra Sinfónica da BBC e Kazuki Yamada.

No domínio da música de câmara, apresenta-se em recitais no Wigmore Hall (Londres) com o pianista Sholto Kynoch e no Festival Internacional de Música de Koblenz. Na temporada passada realizou uma bem-sucedida digressão a vários festivais de música de câmara com Benjamin Grosvenor, Timothy Ridout e Kian Soltani. Na próxima temporada o quarteto apresenta-se no festival Les Rencontres Musicales d'Évian, em França. Com Huw Watkins, estreou uma obra que Mark Bowden lhe dedicou no Newbury Spring

Festival – gravada posteriormente para a etiqueta NMC. Tocou em recitais na Tonhalle de Zurique, no Festival Schleswig-Holstein, no Musical Olympus Festival e em Les Violons de la Paix. Participou em inúmeros festivais internacionais de música de câmara, destacando-se os de Spannungen (Heimbach), Moritzburg, Molyvos e Marlboro – este último a convite de Mitsuko Uchida.

Colaborou com Gidon Kremer, Andrés Schiff, Christian Tetzlaff, Antje Weithaas, Yuri Bashmet, Lars Vogt, Daniel Hope, Alban Gerhardt, Jan Vogler, Florian Uhlig e Benjamin Grosvenor, com quem tocou recentemente nas Konzerthaus de Viena e de Dortmund.

Nascida em 1992, em Seul, Hyeyoon Park estudou na Universidade Coreana de Artes e na Universidade de Cincinnati com Piotr Milewski. Trabalhou ainda com Antje Weithaas na Hochschule für Musik “Hanns Eisler”, em Berlim, e com Christian Tetzlaff na qualidade de Jovem Solista da Kronberg Academy, onde completou o Mestrado em 2016. Os seus estudos foram financiados pela Nikolas Gruber Stipendium.

Hyeyoon Park toca num violino do construtor alemão Stefan-Peter Greiner.

## **Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música**

**Baldur Brönnimann** maestro titular

**Leopold Hager** maestro emérito

**Stefan Blunier** maestro associado

**Christian Zacharias** maestro convidado  
principal designado

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Antoni Wit, Christian Zacharias e Lothar Zagrosek. Entre os solistas que têm colaborado com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Alina Ibragimova, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Christian Lindberg, Tasmin Little, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Benjamin Schmid, Simon Trpčeski, Thomas Zehetmair, Frank Peter Zimmermann ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Sir Harrison Birtwistle e Georg Friedrich Haas, a que se junta em 2019 o compositor Jörg Widmann.

A Orquestra tem-se apresentado também nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e ainda no Auditório Gulbenkian.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos Concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os CDs monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015) e Georges Aperghis (2017), além de discos dedicados a obras de compositores portugueses, todos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2019, a Orquestra apresenta obras-chave do Novo Mundo – entre as quais *Amériques* de Edgard Varèse e a *Quarta Sinfonia* de Charles Ives –, a Integral das Sinfonias de Tchaikovski, as sonoridades revolucionárias de Ligeti e novas obras de Jörg Widmann, Pedro Amaral e Clotilde Rosa.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

**Violino I**

Maaria Leino\*  
Álvaro Pereira  
Radu Ungureanu  
Tünde Hadadi  
Roumiana Badeva  
Maria Kagan  
Andras Burai  
Vladimir Grinman  
Ianina Khmelik  
Emília Vanguelova  
José Despujols  
Evandra Gonçalves  
Vadim Feldblioum  
Alan Guimarães  
Jorman Hernandez\*  
Pedro Carvalho\*

**Violino II**

Ana Madalena Ribeiro  
Nancy Frederick  
Tatiana Afanasieva  
Lilit Davtyan  
Pedro Rocha  
José Paulo Jesus  
Mariana Costa  
Francisco Pereira de Sousa  
Nikola Vasiljev  
Domingos Lopes  
Paul Almond  
José Sentieiro  
Diogo Coelho\*  
Ana Luísa Carvalho\*

**Viola**

Mateusz Stasto  
Isabel Pereira\*  
Anna Gonera  
Rute Azevedo  
Biliana Chamlieva  
Emília Alves  
Theo Ellegiers  
Hazel Veitch  
Jean Loup Lecomte  
Francisco Moreira  
Luís Norberto Silva  
Tânia Trigo\*

**Violoncelo**

Vicente Chuaqui  
Feodor Kolpachnikov  
Bruno Cardoso  
Gisela Neves  
Sharon Kinder  
Michal Kiska  
Aaron Choi  
Hrant Yeranosyan  
Ana Sofia Leão\*  
Raquel Andrade\*

**Contrabaixo**

Rui Rodrigues  
Florian Pertzborn  
Joel Azevedo  
Tiago Pinto Ribeiro  
Nadia Choi  
Altino Carvalho  
Slawomir Marzec  
João Fernandes\*

**Flauta**

Ana Maria Ribeiro  
Alexander Auer  
Angelina Rodrigues

**Oboé**

Aldo Salvetti  
Roberto Henriques  
Eldevina Materula

**Clarinete**

João Moreira  
Pedro Silva\*  
Gergely Suto

**Fagote**

Gavin Hill  
Robert Glassburner  
Vasily Suprunov

**Trompa**

Eddy Tauber  
José Bernardo Silva  
Bohdan Sebestik  
Hugo Sousa\*  
Dário Ribeiro\*  
Pedro Fernandes\*

**Trompeta**

Ivan Crespo  
Luís Granjo  
José Almeida\*  
Rui Brito

**Trombone**

Severo Martinez  
Leonardo Fernandes\*  
Marcos Pereira\*

**Tuba**

Sérgio Carolino

**Tímpanos**

Jean-François Lézé

**Percussão**

Bruno Costa  
Paulo Oliveira  
Nuno Simões  
André Dias\*  
Sandro Andrade\*

**Harpa**

Ilária Vivan  
Ana Aroso\*

**Piano/Celesta**

Vítor Pinho\*  
Luís Filipe Sá\*

\*instrumentistas convidados

# PRÓXIMOS CONCERTOS

15 SET DOM · 12:00 SALA SUGGIA

## MULHERES PIONEIRAS

MÚSICA NO FEMININO

CORO CASA DA MÚSICA

SOFI JEANNIN direcção musical

JOANA DAVID piano

Obras de Hildegard von Bingen, Barbara Strozzi,  
Mel Bonis, Clara Schumann, Imogen Holst,  
Lili Boulanger, Cécile Chaminade, Kaija Saariaho,  
Cecilia McDowall e Karin Rehnqvist

15 SET DOM · 18:00 SALA SUGGIA

## BARROCO FEMININO

MÚSICA NO FEMININO

ORQUESTRA BARROCA CASA DA MÚSICA

AMANDINE BEYER violino e direcção musical

FERNANDO MIGUEL JALÔTO cravo

REYES GALLARDO, MIRIAM MACAIA, PRISCA STALMARSKI violinos

Obras de Élisabeth Jacquet de La Guerre,  
Ana Amália de Brunsvique Volfembutel, Isabella Leonarda,  
Guilhermina da Prússia, Maddalena Laura Sirmen e Antonio Vivaldi

# PRÓXIMOS CONCERTOS

17 SET TER · 19:30 SALA SUGGIA

## VIRTUOSISMO NO FEMININO

MÚSICA NO FEMININO

REMIX ENSEMBLE CASA DA MÚSICA

**SIAN EDWARDS** direção musical

**CAROLIN WIDMANN** violino

Obras de Ângela da Ponte, Kaija Saariaho,  
Rebecca Saunders e Unsuk Chin

20 SET SEX · 21:00 SALA SUGGIA

## MULHERES INCOMUNS

MÚSICA NO FEMININO

ORQUESTRA SINFÓNICA  
DO PORTO CASA DA MÚSICA

**ELENA SCHWARZ** direção musical

**CLAIRE HUANGCI** piano

Obras de Louise Farrenc, Clara Schumann,  
Lili Boulanger, Germaine Tailleferre e Joan Tower

# PRÓXIMOS CONCERTOS

27 SET SEX · 21:00 SALA SUGGIA

## VARIAÇÕES SOBRE TCHAIKOVSKI

INTEGRAL DAS SINFONIAS DE TCHAIKOVSKI

ORQUESTRA SINFÓNICA  
DO PORTO CASA DA MÚSICA

CARLOS IZCARAY direção musical

Obras de Wolfgang Amadeus Mozart, Anton Arensky,  
Arvo Pärt e Piotr Ilitch Tchaikovski

28 SET SÁB · 10:00-18:00 SALA DE ENSAIO 1

## ELECTRÓNICA XX

MÚSICA NO FEMININO

WORTEN DIGITÓPIA · SERVIÇO EDUCATIVO  
CONCERTOS ACUSMÁTICOS · ENTRADA LIVRE

Obras de Daphne Oram, Delia Derbyshire e Kaija Saariaho

29 SET DOM · 18:00 SALA SUGGIA

## VOZES NOSSAS

MÚSICA NO FEMININO

CORO INFANTIL CASA DA MÚSICA  
SERVIÇO EDUCATIVO

RAQUEL COUTO direção musical

Obras de Hildegard von Bingen, Katy Abbott, Sofia Sousa Rocha,  
Lili Boulanger, Ângela da Ponte, Francine Benoit e Andrea Ramsey

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA  
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL  
CASA DA MÚSICA

